

Bahia

Sementes que guardam memórias e cultivam o futuro

Josimar Feitosa, com seus 60 anos, nasceu na comunidade Barreiro do Espinheiro, em Campo Alegre de Lourdes (BA). Saiu poucas vezes da sua terra natal para trabalhar em São Paulo, permanecendo alguns meses em cada viagem, mas nunca pensou em deixar definitivamente o lugar onde aprendeu a viver da agricultura familiar. "Eu pretendi ficar lá, mas só passei. Tive que me adaptar por aqui mesmo", relembra o agricultor, destacando que nunca criou vínculo de permanência fora da comunidade.



Foi na convivência com os pais, com os mais velhos da comunidade e com as tarefas na roça que aprendeu a plantar, colher e guardar sementes. Naquela época, ele nem conhecia a expressão "sementes crioulas". A experiência já existia muito antes do nome. "A gente já fazia esse trabalho sem perceber, até que fui entendendo que semente crioula é aquilo que a gente tem ao longo do nosso cultivo, da nossa tradição."

Hoje, milho, feijão, mandioca, sorgo, feijão-andu e tantas outras variedades fazem parte da produção da família. Algumas sementes vieram dos pais e dos avós. Outras chegaram através das trocas realizadas em encontros de agricultores/as familiares, festivais e intercâmbios. Josimar costuma dizer que sempre leva uma semente e volta com outra, fortalecendo a diversidade cultivada na comunidade.

Mas guardar sementes nem sempre foi simples. Ele lembra que, quando criança, muitas famílias não tinham dinheiro para comprar sementes para o plantio. Antes de cultivar a própria roça, era preciso trabalhar na terra dos patrões para receber sementes como pagamento. "Primeiro, a gente ia plantar na roça deles, para depois plantar na nossa." Para Josimar, produzir a própria semente significa autonomia e liberdade para quem vive da terra. Os ensinamentos sobre conservação também vieram dos mais velhos. Antes das garrafas PET e dos recipientes plásticos, as sementes eram guardadas em litros de vidro, cabaças vedadas com cera de abelhas nativas e, em algumas situações, até cobertas com areia para atravessar o tempo sem perder a capacidade de germinar. "Meu pai fazia muito isso. Arrumava um lugar, cobria a semente com areia e depois ela servia para plantar."

Atualmente, além de armazenar parte das sementes em casa, Josimar participa da organização de um depósito comunitário de sementes da região. Antes de guardar, ele seleciona cuidadosamente as melhores espigas e os melhores grãos. No caso do milho, as sementes ainda passam por análise para confirmar se permanecem crioulas, evitando contaminação por variedades transgênicas. Para ele, preservar as sementes significa preservar também a qualidade dos alimentos. Além do depósito comunitário de sementes da região, Josimar também integra a Casa de Sementes Crioulas, espaço coletivo onde agricultores e agricultoras guardam, trocam e fortalecem as sementes da região, garantindo a continuidade dessa prática entre as comunidades. "Só a gente ter a garantia de um alimento que não vai causar doença já é uma grande ajuda."

A presença em atividades de assessoria e formação também contribuiu para transformar a maneira como Josimar produz e se relaciona com o território. A partir desses processos, que contaram com o acompanhamento do SASOP, ele passou a compreender melhor o manejo do solo, a importância da rotação de culturas, da preservação da Caatinga e da produção sem queimadas e sem o uso de venenos. Mudanças que também chegaram à alimentação. Ele lembra que houve um tempo em que a família vivia apenas de arroz e feijão, quando conseguia. Hoje, a diversidade produzida na propriedade garante mel, ovos, hortaliças, frutas e outros alimentos para o consumo da família.



Ao longo dessa caminhada, o agricultor se tornou um incentivador da troca de sementes. Sempre que encontra uma variedade diferente, faz questão de compartilhá-la com outras famílias. "Quem quiser fazer experiência com essa semente, eu tenho aqui. Traga outra semente, seja do que for, que nós trocamos."

Entre todas as variedades que cultiva, uma tem um significado especial: um feijão conservado pela família há décadas. A semente que planta hoje tem origem em um lote guardado desde 2004, mas sua história é ainda mais antiga. Foi dessa experiência que surgiu o feijão canapu da Copa Alta, nome criado pelo próprio agricultor. Para ele, cada semente carrega uma memória. "Você vai fazendo a memória dela. Esse feijão é de agora, mas vem daquela origem que eu guardei há muitos anos." O feijão segue sendo cultivado até hoje, mantendo viva a origem da semente guardada há mais de duas décadas, que ele continua acompanhando e multiplicando.

Com toda essa trajetória, o agricultor foi homenageado como Guardião de Sementes Crioulas, com certificados entregues em eventos regionais e espaços de troca de saberes entre agricultores.

O desejo para o futuro também nasce dessa relação com a terra. Josimar sonha em produzir cada vez mais nas áreas já abertas, sem precisar derrubar mais Caatinga. Quer deixar para os filhos, netos e para a comunidade uma paisagem preservada, sementes crioulas e uma história de cuidado com a terra. Quando perguntado sobre o que representa plantar uma semente guardada pela própria família, ele responde: "É uma sensação de vitória." E, ao definir as sementes crioulas em apenas uma palavra, resume toda a sua trajetória: "Vida."



Estande de Seu Josimar.



Variedades de sementes crioulas.



Josimar com seus troféus.